

Obituário

Luna Andermatt "Cumpri tudo a que me tinha proposto e que a vida me podia dar"



Luna Andermatt (1926-2013) foi uma pioneira na dança em Portugal. Fundadora da Companhia Nacional de Bailado, deve-se-lhe uma profissionalização da dança e do estatuto do bailarino. Mas deve-se-lhe, ainda mais, o elevar à dimensão de arte o que era visto apenas como entretenimento. Guerreira e serena, dançou até ao fim, sem nunca se resignar. *Por Tiago Bartolomeu Costa*

Para Luna Andermatt a dança era "um desafio ao impossível". E era "rigor infatigável, da ponta dos pés ao fundo da alma". Essa exigência guardou-a sempre. Os anos, garante quem a conheceu, não apagaram nela as marcas da dança, nem o fascínio por tudo aquilo que a ela dizia respeito.

Na última sessão de fotografias para o PÚBLICO, em Outubro de 2010, a propósito do espectáculo *Durações de Um Minuto*, que juntava a sua filha Clara e o realizador e encenador Marco Martins no Teatro São Luiz, Luna Andermatt conservava sem

dificuldade a elegância e a pose da bailarina clássica que foi. Disse então ao PÚBLICO: "Cumprir tudo a que me tinha proposto e que a vida me podia dar." Foi uma vida cheia dedicada "a dignificar a dança em Portugal". Morreu antontem, aos 87 anos.

Maria Antónia Luna Andermatt, filha de um oficial do Exército que morreu antes de a filha fazer um mês e de uma professora no Instituto de Odvetas que pintava iluminuras, terá herdado da mãe a atenção ao detalhe que definiria o seu método de ensino e também a dedicação "à arte da dança".

Em 1961, no programa de abertura da Companhia Portuguesa de Bailado, no Teatro Nacional São Carlos, o seu marido, Francisco Brás de Oliveira, escreveu o que poderia ser lido como um perfil da própria mulher: "À loucura queremos dar equilíbrio, ao medo queremos dar confiança e fé, ao egoísmo opomos a dádiva de nós mesmos."

A sua formação começou em Portugal, nos Bailados de Margarida de Abreu, mas foi quando chegou a Londres, à Royal Ballet School, que aprendeu mais do que as posições que faziam das bailarinas seres mecanicamente perfeitos. Contou-o ao PÚBLICO: "Vivia sôfrega de tudo quanto via. Bebia tudo quanto havia e podia, mesmo se a minha vida era escola-casa-cama. Depois das aulas, que começavam às oito da manhã, ainda tinha aulas particulares." Ainda recebeu convites para se juntar a companhias em França e Inglaterra, mas voltou a Portugal porque a mãe vivia sozinha e o que seriam só umas férias tornou-se num bilhete de volta sem regresso.

Mas Luna voltou a um país onde não existia a categoria de bailarina clássica. "Tinha de escolher entre dançarina de circo ou corista. Haver bailarinas havia, mas não como profissão. Cheguei a dançar muitas vezes no São Carlos, e o meu tio, governador militar de

Lisboa, que tinha um camarote permanente, via-me ali de *soutien*, como se fosse um biquíni da praia, e dizia à minha mãe que ela tinha de ser pai e mãe para mim, para não deixar que eu caísse no Parque Mayer."

Luna Andermatt olhava à sua volta e via as melhores bailarinas partirem para o estrangeiro por falta de uma companhia, e via o *ballet* ser ensinado como ocupação de tempo para as filhas de família. Assim, começou por investir na formação profissional, criando o Centro de Estudos de Bailado no Teatro Nacional de São Carlos, promoveu espectáculos com as suas alunas em vários teatros e voltou a partir para Londres e Paris para frequentar cursos especiais para professores. Mas as dificuldades de financiamento e a impreparação do país levaram ao fim do projecto.

Um assunto de Estado

Foi preciso chegar a 1976 e ao convite do escritor David Mourão Ferreira, então secretário de Estado da Cultura, para recuperar o projecto da Companhia Portuguesa de Bailado. Luna começou a desenhar o que mais tarde viria a ser a Companhia Nacional de Bailado, instituindo um novo modelo de apresentação que distinguia a dança dos *saraus de ballet*. "Para a criação da CNB foram anos e anos de gabinete em gabinete, de ministro em ministro, de discurso em discurso, de mentalidade em mentalidade. Nem me sabiam explicar a recusa. Não percebiam que uma companhia não era aquilo que se via num palco. Era mais." José Sasportes, ex-ministro da Cultura e co-autor (com António Pinto Ribeiro) de *História da Dança em Portugal*, diz que Andermatt "fez parte de um grupo de pioneiras, como a Margarida de Abreu, que trabalhou para introduzir qualidade no ensino da dança, que na altura não era levado a sério. E também para criar uma alternativa ao Verde Gaio [a companhia portuguesa criada por iniciativa do Estado Novo], com uma linguagem mais

actual, mais moderna". "Sem ela a companhia não existiria", assegura Luísa Taveira, directora artística e antiga bailarina da CNB, secundada por Luísa Roubaud, crítica de dança do PÚBLICO, professora na Faculdade de Motricidade Humana e sua ex-aluna. Luísa Roubaud descreve Andermatt como alguém que "conseguiu circular no meio social a que pertencia com o mesmo à-vontade com que viria a conviver com os que contestavam os cânones sociais e da dança do pós 25 Abril".

Luísa Roubaud lembra "a alegria, o calor, a distinção que irradiava [de uma mulher] pouco canónica a circular entre [as alunas], na barra, de salto agulha e a sua eterna boquilha". A independência e a resistência aos modelos sociais vigentes eram constantes. Numa entrevista ao *Expresso* na altura da estreia da companhia, em 1976, Andermatt explicava "o esforço gigantesco que representou pôr de pé [aquele] projecto", "não só pela escassez de tempo, como pela novidade e pelo insólito do acontecimento num meio em que falecia o crédito e subsistia uma certa política de campanário". Foi com a chegada de Mourão-Ferreira que "*o ballet* se tornou assunto de Estado", disse. Esteve à frente da CNB, acompanhada por Vera Varela Cid, Pedro Risques Pereira e Armando Jorge, mas ao fim de oito anos a sua saída foi ditada por se sentir incapaz de fazer frente às dificuldades que surgiam no interior da companhia.

Luísa Taveira lembra-se bem do que era tê-la em estúdio, sempre atenta e pronta a fazer correcções. Conheceu-a em 1977, primeiro ano de funcionamento em pleno da companhia, quando Luna Andermatt era uma das administradoras, mas fazia questão de seguir de perto a evolução da componente artística. "Tenho muito orgulho em lhes ouvir dizer que não aprenderam só a técnica do bailado, mas a

expressão do próprio corpo. É preciso ser-se atento a muitas coisas ligadas à pessoa, à espiritualidade, é preciso trabalhar todos os dias, e as coisas não são feitas ao som do relógio." Luísa Taveira recorda que "tudo o que tinha a ver com a dança lhe interessava": "Corrigia-me posições e postura, dava-me conselhos de mãe, até sobre os cremes que devia usar quando me maquilhava... Tudo." Foi assim até ao fim. "Costumo dizer à Clara [Andermatt, coreógrafa] e à Maria [de Assis, programadora cultural] que sou a terceira filha [Luna teve ainda um outro filho, o economista Francisco de Assis]. A Luna acompanhou-me muito nos primeiros anos e depois ficou."

Andermatt convidou Taveira para jantar a meio do Verão e foi a última vez que se viram. "Foi assim uma espécie de despedida e eu não sabia", recorda agora a directora artística, que voltou a trabalhar com a bailarina em 2011, no projecto Companhia Maior, que reúne intérpretes com mais de 60 anos. "A Luna que encontrei neste projecto era a mesma de sempre, com um enorme carisma, muito humana e generosa, e com uma lucidez incrível." Aceitou

integrar a companhia quando já passava dos 80 com a mesma naturalidade e leveza de sempre, garante Taveira.

Nos espectáculos da Companhia Maior a sua presença nunca deixava de conservar a rebeldia que não conseguia esconder-se atrás de uma educação clássica, e a elegância de quem tinha sobre o corpo um conhecimento profundo. Por isso, quando a filha Clara a quis dirigir de outra forma, no espectáculo *Maior* (2011), Luna contou ao *Jornal de Negócios* como, apesar de tudo, isso foi uma surpresa: "Primeiro, pôs-me descalça. E eu nunca na vida estive habituada a entrar num palco descalça, agoniava-me, parecia uma tranca que me tinham posto nos pés." "Ela nunca mudou", diz Luísa Taveira. "As pessoas às vezes mudam ao envelhecer, mas a Luna não. Continuava a fugir dos ensaios nos intervalos para fumar um cigarro e a aceitar fazer coisas que nunca antes tinha experimentado."

Luna recusava-se à resignação: "Uma coisa é aceitar e a outra é resignar-se. O aceitar é o mais fácil, porque é uma escolha. Não é um disfarce. Ninguém envelhece só por viver muitos

anos. A juventude não é uma época da vida, é um estado da alma. Não é uma questão de faces lisas, de lábios vermelhos e joelhos bonitos. É uma força de querer, uma qualidade da imaginação, um rigor de emoções e uma frescura da profunda primavera da vida."

com Lucinda Canelas

“

Conseguiu circular no meio social a que pertencia com o mesmo à-vontade com que viria a conviver com os que contestavam os cânones sociais e da dança do pós 25 Abril

Luísa Roubaud

”